

Entrevista com o cantor e compositor Marcos Sacramento

Poucas e Boas da Mari – www.poucaseboasdamari.com

Por Mari Valadares – MTB: 43.155/SP

01. Marcos, você começou na música seguindo o estilo pop/rock e hoje, é visto como cantor de sambas. Em seu site encontra-se a sua biografia, onde diz que “taxar Marcos Sacramento simplesmente por um estilo é deixar de ver vários lados do artista”. Você se considera um artista sem fronteiras?

Tenho uma formação híbrida como muitos da minha geração. Ouvi de tudo, muita MPB, muita música “de rádio” do início dos anos 70, quando era adolescente, vi muita pornochanchada também dessa época, enfim, via novelas (e suas trilhas sonoras), li Castañeda e Neruda... (rsrsrs). É natural que as fronteiras fiquem meio difusas... confusas. Então o samba que tenho cantado acaba saindo cheio dessas influências.

02. “Na Cabeça” é o seu mais recente disco, união de sua voz com os violões de Zé Paulo Becker, Luis Flavio Alcofra e Rogério Caetano. Como você definiria esse trabalho?

Quis fazer uma síntese de tudo que vinha fazendo em disco. Convidei essas três feras para a empreitada. Queria fazer uma homenagem ao violão, que é o instrumento mais presente na minha carreira fonográfica.

03. Ruy Castro escreveu sobre você em 2004: “Não é apenas um sambista perfeito, mas um cantor completo. Quando quer ser romântico ou ‘sério’, a mesma coisa. Não há muita gente por aí capaz dessas proezas.” Você se considera um cantor completo?

Não sei, acho que não... mas se o Ruy falou... (rs)

04. Na época do Carnaval nasceu Fossa Nova, disco em parceria com o pianista Carlos Fuchs. Esse disco, como o próprio nome diz, traz canções de fossa, tristeza. Ele nasceu de um estado de espírito seu na época? Se sim, “as não alegrias” só viram canções se você estiver mergulhadas nelas?

Fossa Nova reflete sim, um momento de muita introspecção, de muita perturbação. Eu vivia uma vida errante, bebendo muito, me drogando muito. E as letras trazem esse “simbolismo”. Gostei de “não alegrias”, porque não era exatamente triste a minha vida, mas também não era alegre. Acho que quando você escreve uma canção, está sempre mergulhado em algum sentimento (estamos sempre mergulhados em sentimentos) e a canção acaba sendo um reflexo dele. A canção move o sentimento.

05. Em 2011, você realizou shows em homenagem ao centenário de Assis Valente e Mário Lago, e a Pedro Caetano. Além desses shows, em sua carreira há bastantes homenagens. Em uma entrevista realizada com o cantor Mateus Sartori, perguntei se as homenagens feitas por ele era uma vontade de agradecer a compositores que o influenciaram ao longo de sua carreira. Quando você aceita ou realiza um projeto desse tipo é com esse propósito?

Acho que sim. Adoro o Mateus.

06. Os noticiários “pintam” o Rio de Janeiro de uma maneira negativa. Já os artistas, um Rio diferente. E você traz em sua carreira esse Rio diferente. Isso é nostalgia? Ou é uma forma de mostrar as belezas (não as naturais, porque isso é inegável) de um Rio escondido?

Ouçã um disco meu chamado “Caracane”. Ali eu reflito sobre uma cidade que não está no mapa das belezas mas das mazelas. Sou “critiquérrimo” com minha cidade. Mas não sou negativo.

07. Você participou de Kananga do Japão (1989), novela da extinta Rede Manchete, interpretando Orlando Silva, o cantor das multidões. Como foi essa experiência, Marcos?

Foi muito CHIQUE, a novela era CULT e eu era TRASH.

08. Final de ano. Há alguma novidade para o ano que vem que você poderia adiantar aos leitores do Poucas e Boas da Mari?

Olha Mari, de cara uma super novidade: estamos lançando, Zé Paulo Becker e eu, um CD que fizemos juntos e que se chama “TODO MUNDO QUER AMAR” . Vai sair pela Biscoito Fino no começo de 2012. Aguardem!!!

Beijos